



ENTREVISTA

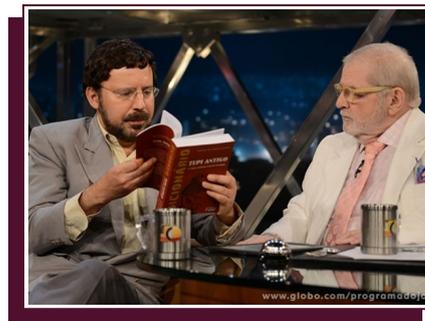
com

Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro

por Edgard TESSUTO JÚNIOR¹



Eduardo de Almeida Navarro

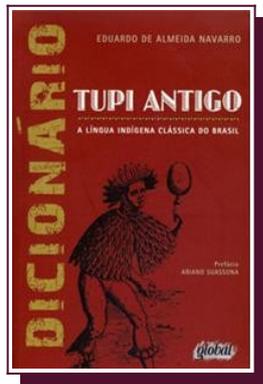


Eduardo de Almeida Navarro entrevistado por Jô Soares, em 08.08.2014.

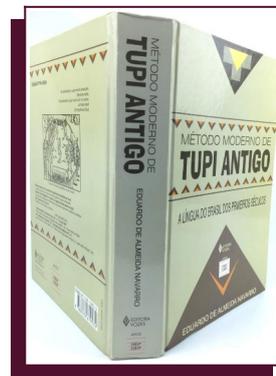
Neste número da *Metalinguagens*, o entrevistado dispensaria maiores apresentações, tendo em vista a grandeza e a importância decisiva do seu nome no universo da docência, da pesquisa e da extensão universitárias no Brasil, nos níveis da graduação e da pós-graduação, em estudos de Letras e de Linguística. Professor Titular, Livre-docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo

1 Doutorando em Letras – Programa de Literatura Brasileira – pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP); Mestre em Letras – Programa de Literatura Brasileira pela FFLCH-USP; Pesquisador de Literatura Brasileira Oitocentista (Inglês de Sousa); Pesquisador e Tradutor de Nheengatu; Graduado em Letras – Português e Espanhol – pela FFLCH-USP. Docente de Língua Portuguesa e Literaturas nos principais Cursos Pré-vestibulares do Estado de São Paulo. Endereço eletrônico: <edgardtessutojunior@yahoo.com.br>.

(USP), o Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro é, sem dúvida, um dos mais respeitados e ilustres pesquisadores em estudos da Língua e da Cultura Tupi, do Nheengatu e das participações históricas dos povos originários brasileiros na composição das identidades nacionais. Uma verdadeira celebridade, no sentido casto e mais positivo desta qualificação. Assim sendo, volvamos, pois, nossos ouvidos ao “mestre” para conhecermos um pouco mais de sua história e de seu valioso trabalho acadêmico.



NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo: A Língua Indígena Clássica do Brasil*. Pref. de Ariano Suassuna. São Paulo: Global, 2013.



NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método Moderno de Tupi Antigo. A Língua dos Povos dos Primeiros Séculos*. São Paulo: Vozes, 1998.

Metalinguagens (Edgard Tessuto Júnior):

Olá, professor. Conte-nos um pouco de sua formação acadêmica até chegar à cadeira de Professor Dr. Titular da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), por favor.

(Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro):

Meu primeiro contato com a vida universitária deu-se quando eu ingressei, aos 18 anos, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Lá eu percebi que não tinha pendor



para a profissão de advogado, mas, sim, para ser um professor e pesquisador. Foi com tal certeza que eu enveredei por estudos mais condizentes com minhas aptidões e iniciei o curso de Geografia na UNESP de Rio Claro, cidade em que residi por quatro anos.

O curso de Geografia, sem embargo, satisfiz-me só parcialmente. Eu ainda me sentia frustrado em minhas aspirações intelectuais. Assim, ao findar meu curso, encetei o estudo universitário de Filosofia na Faculdade São Bento, de São Paulo, na qual não lograria formar-me, haja vista que passara a lecionar na escola secundária pública e que iniciara também curso de mestrado na UNESP de Rio Claro, na área de Geografia Física.

A Filosofia, contudo, passou a ser uma de minhas paixões intelectuais, tendo eu publicado meu primeiro livro nesse campo do saber aos 25 anos, um trabalho intitulado *O Pensamento Vivo de Sócrates*. Retornei três anos depois ao curso de Filosofia na PUC de São Paulo, universidade em que também cheguei a lecionar Biogeografia e Hidrografia durante dois semestres. Como se pode ver, eu fui sempre muito resistente à especialização exacerbada, buscando constantemente ampliar meus conhecimentos em diversos campos das humanidades.

Após concluir meu mestrado em Geografia, aos 28 anos, decidi-me definitivamente por seguir carreira na seara das Letras. Iniciei meu doutoramento na FFLCH da USP aos 29 anos, na área de Linguística, migrando depois para a de Letras Clássicas. Aos 31 anos, ingressei como professor da USP e, dois anos depois, obtive meu doutorado com uma tese intitulada "*A Problemática Linguística do Renascimento às Missões e as Gramáticas da Língua Tupi de José de Anchieta e Luís Figueira*".

Em 1998 publiquei meu segundo livro, o "*Método Moderno de Tupi Antigo*", que, desde então, tem sido manual empregado para a aprendizagem dessa língua indígena clássica em várias partes do Brasil.



Minha livre-docência foi obtida em 2006 com um *Dicionário de Tupi Antigo*, que aperfeiçoei vagarosamente, até publicá-lo pela Editora Global de São Paulo, em 2013, ano em que também me tornei professor titular da USP.

Metalinguagens (Edgard Tessuto Júnior):

Hoje o senhor está em todo tipo de mídia: vimo-lo na Revista *Istoé* (03/12/ 2021) e até no *Jornal Nacional* (12/11/2021), por conta de acabar de traduzir do tupi antigo as cartas dos indígenas Felipe Camarão e Diogo da Costa, enviadas ao também indígena Pedro Poti, que datam do período da insurreição holandesa no Brasil (1645-1654). Qual foi o método para traduzir algo tão pouco contemporâneo e escrito numa língua tão antiga, já não mais falada e com pouquíssimos registros escritos hoje?

(Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro):

Traduzir as cartas dos Índios Camarões demandou a publicação prévia de meu dicionário de tupi antigo. Somente após isso, foi-me possível traduzi-las com plena segurança. O problema ortográfico foi o que me antepôs as maiores dificuldades, que foram sendo transpostas à medida que o trabalho de tradução era executado.

Metalinguagens (Edgard Tessuto Júnior)

Qual é o assunto de que tratavam os familiares indígenas nas cartas que traduziu?

(Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro):

As cartas dos Camarões, em sua essência, são um petição de índios potiguaras católicos a seus parentes que se encontravam a lutar nas hostes holandesas durante a



Insurreição Pernambucana, que se iniciou em 1645. Nessas cartas, os índios aliados dos portugueses advertem seus parentes que militavam no campo inimigo das punições que sofreriam se lá se obstinassem em permanecer.

Metalinguagens (Edgard Tessuto Júnior):

É possível afirmar que haja mais cartas sem traduzir? Ou, ainda, o senhor acredita em que exista carta-resposta de Pedro Poti a essas cartas de seus familiares indígenas? Se sim, onde estariam?

(Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro):

Há a informação, ainda não comprovada por mim, de que existiria uma sétima carta, conservada num arquivo do Rio de Janeiro.

As missivas de Pedro Poti foram traduzidas para o holandês pelo pastor calvinista Johannes Eduards, que acompanhou os administradores e os soldados da Companhia das Índias Ocidentais nos anos em que os batavos estiveram no Nordeste, ignorando-se o paradeiro dos textos originais em tupi antigo.

Metalinguagens (Edgard Tessuto Júnior):

Mudando um pouquinho de assunto. Sua história de fomento ao tupi dentro da Universidade de São Paulo, como o senhor já disse, é antiga. Existem disciplinas de tupi oferecidas aos alunos no curso de graduação?



(Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro):

Sim. As disciplinas Tupi I e Tupi II são oferecidas na USP, com denominações diferentes, desde os anos trinta do século XX. Já as disciplinas Tupi III e Tupi IV, eu as criei há menos de quinze anos, consistindo esta última no ensino do Nheengatu, língua geral da Amazônia, também chamada *tupi moderno*. Passei, outrossim, a oferecer há poucos anos uma disciplina em inglês, intitulada *The influence of Indigenous Languages in the Formation of Brazilian Civilization*, com o desiderato explícito de atrair estudantes estrangeiros e colaborar com a internacionalização da USP.

Metalinguagens (Edgard Tessuto Júnior):

O senhor também é responsável pelos estudos orientados de pós-graduação na tradução de línguas indígenas de muitos pesquisadores interessados nessa área. Conte-nos um pouco como andam os trabalhos de seus orientados hoje para que outros conheçam a sua pesquisa com mais afinco e a de seus orientados também, por favor.

(Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro):

Atuo na pós-graduação na área de estudos da tradução, orientando dissertações e teses sobre autores estrangeiros de diferentes nacionalidades. Os que concernem especificamente a línguas indígenas consistem em traduções para o Nheengatu de textos literários de autores brasileiros e estrangeiros, tais como Raul Bopp, Inglês de Souza, Antoine de Saint-Éxupéry etc. Tais traduções foram feitas com o fito precípua de se buscar a revitalização daquela língua amazônica.



Recentemente, um orientado meu concluiu um dicionário de Nheengatu, que se tornou, com efeito, a maior contribuição à lexicografia dessa língua já feita em todos os tempos no Brasil.

Metalinguagens (Edgard Tessuto Júnior):

Eu, como seu aluno-doutorando em tradução, passei por todas essas etapas. E, em cada uma delas, fui-me envolvendo por conta da curiosidade que o senhor sempre despertou em seus alunos desde a graduação. Como o senhor vê, hoje, a função de professores acadêmicos dentro da universidade?

(Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro):

Um professor que honre a nobre profissão que elegeu deve ter uma visão superior da existência e fazer de seu magistério um serviço aos outros e à causa de aperfeiçoamento do ser humano. Deve ser capaz de criar visões de futuro em seus alunos, buscar criar neles amor pelo conhecimento, de lhes inspirar ações e pensamentos mais nobres. Um professor verdadeiro deve aspirar a ser, um dia, um mestre.

Metalinguagens (Edgard Tessuto Júnior):

Trabalhar com alunos da pós-graduação deve ser muito recompensador, principalmente por conta das pesquisas que se podem realizar. Mas você também acredita em que seja necessário despertar a curiosidade do aluno ainda na graduação para que este se interesse por pesquisas posteriormente orientadas pelo professor que o motivou lá na graduação. Como o senhor consegue que tantos alunos da graduação se interessem por desenvolver pesquisas na área de línguas indígenas tanto na graduação quanto na pós?



(Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro):

Eu creio que aquilo que ensino tem potencial de transformar vidas. As línguas dos índios, as formas tradicionais de existência humana, com pouco impacto sobre os recursos naturais, com grande convívio com a natureza, podem, sim, inspirar mudanças em nossas formas de compreender o mundo e dar um sentido diferente a nossa vida.

É isso que faz muitos alunos buscarem fazer pesquisas no campo em que atuo. Mas é preciso que os educandos percebam integridade e retidão de propósitos naquele que ensina. É preciso haver coerência entre o magistério e a vida.

Metalinguagens (Edgard Tessuto Júnior):

O quanto o senhor acha que a tradução das cartas que acaba de fazer pode colaborar para que os estudos em línguas indígenas sejam mais bem vistos e, inclusive, valorizados tanto pelos alunos quanto pelos colegas professores dentro na Universidade?

(Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro):

Eu creio que tais estudos estejam em ascensão. Efetivamente, existe no mundo contemporâneo grande desilusão com as conquistas do mundo burguês, que conformaram a vida das sociedades humanas, em seu conjunto, no século XX, havendo hodiernamente pouca crença no futuro da civilização. Neste contexto, os índios e sua forma tradicional de vida são portadores de uma mensagem de esperança para nosso combalido mundo atual.

Eu tenho pautado minha ação acadêmica na disseminação do conhecimento da língua e da cultura dos primitivos habitantes da costa do Brasil e tenho visto ótimos resultados em assim proceder. A tradução das cartas dos Índios Camarões vem, a meu ver, somente



consolidar e robustecer uma situação que se tem cada vez mais delineado nos últimos vinte anos, quando um crescente número de pessoas tem passado a conhecer o tupi antigo e a valorizá-lo como a língua indígena de maior importância histórica para o Brasil.

Metalinguagens (Edgard Tessuto Júnior):

O senhor pode nos contar sobre alguns dos seus futuros projetos tanto no Tupi quanto no Nheengatu?

(Professor Doutor Eduardo de Almeida Navarro):

Desejo dedicar-me doravante à elaboração de um dicionário de topônimos brasileiros com origem no tupi antigo e na língua geral amazônica e paulista. Pretendo, ademais, traduzir o *Catecismo na Língua Brasileira*, publicado em 1621 pelo jesuíta Antônio de Araújo, além de divulgar o conhecimento do tupi antigo, utilizando, para tanto, os modernos recursos tecnológicos disponíveis para o ensino de línguas, como a INTERNET, por exemplo.